

PANDEMIA E SUSTENTO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS DAS MARISQUEIRAS NO ANO DE 2020¹

Viviane da Paz de Jesus Reis²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelas marisqueiras no ano de 2020, na Cidade de São Francisco do Conde, Bahia. Para tanto, abordaremos o que é o Coronavírus, destacando suas complicações no Brasil. Também atentamos para o olhar que essas trabalhadoras têm sobre a Covid-19, assim como um debate que ocorreu acerca das políticas públicas voltadas para este grupo social, debate este que aconteceu entre a pesquisadora e as entrevistadas. Esta análise toma como base fontes diversas, tais como relatos orais, registros da Organização Mundial de Saúde, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde.

Palavras-chave: Covid-19 (Doença) - São Francisco do Conde (BA). Mariscos - Pesca - São Francisco do Conde (BA). Política públicas.

ABSTRACT

This article aims to analyze the challenges faced by shellfish gatherers in 2020, in the city of São Francisco do Conde, Bahia. Therefore, we will discuss what Coronavirus is, highlighting its complications in Brazil. We also pay attention to the look these workers have on Covid-19, as well as a debate that took place about public policies aimed at this social group, a debate that took place between the researcher and the interviewees. This analysis is based on diverse sources, such as the World Health Organization, the Food and Agriculture Organization of the United Nations and the Municipality of São Francisco do Conde.

Keywords: Covid-19 (Disease) - São Francisco do Conde (BA). Public policy. Seafood - Fishing - São Francisco do Conde (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Barreto Farias.

² Graduanda na Licenciatura em Pedagogia e Bacharela em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O mundo vem enfrentando uma das piores crises da contemporaneidade, trazendo grandes problemas para toda a comunidade: a crise provocada pela epidemia do Coronavírus. A emergência com que a pandemia chegou ao Brasil, assim como em outros países, trouxe consequências não apenas como uma questão de saúde pública, mas também com o potencial de alterar completamente a vida da sociedade. Sabemos que cada geração é marcada por acontecimentos históricos, que podem ser classificados por suas consequências global, nacional ou regional. O ano de 2020 visivelmente foi marcado pela pandemia da Covid-19, que teve o seu impacto global.

Este presente artigo, intitulado “Pandemia e Sustento em São Francisco do Conde: Uma análise dos desafios das marisqueiras no ano de 2020”, traz relatos de algumas marisqueiras, chefes de família, sobre suas dificuldades, seus problemas e sugestões para a melhoria da saúde física e mental durante esse período de março/2020 a dezembro/2020.

Figura 1 - Mapa Satélite do Município de São Francisco do Conde-BA



Fonte: Google Maps

São Francisco do Conde é um município brasileiro localizado na Região Metropolitana de Salvador, no estado da Bahia. Sua população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2020 era de 40.245 habitantes. Até 1967, pertencia a Salvador, quando, afinal,

foi emancipada. Grande parte de sua economia e PIB devem-se à arrecadação municipal de impostos ligados à produção e refino de petróleo pela refinaria RLAM, da Petrobras.

Em 1618, por ordem do Conde de Linhares, foi construído no alto do monte, no Recôncavo Baiano, um convento e uma igreja, onde mais tarde, no ano de 1698, surgiria a cidade de São Francisco do Conde. O nome homenageia seu padroeiro e o Conde, Fernão do Conde, que herdou o terreno do 3º governador-geral do Brasil, Mem de Sá. A região onde fica a cidade foi conquistada pelo império português através das guerras travadas contra os índios que viviam nas margens dos rios Paraguaçu e Jaguaribe. O município se localiza em uma área na qual ainda se preserva reservas da Mata Atlântica e é riquíssimo em manguezais, contribuindo para a biodiversidade da região.

Considerado o município da maior população negra declarada no censo do Instituto Geográfico Brasileiro (IBGE), São Francisco do Conde, terceiro município do Recôncavo Baiano, mantém grande patrimônio do período colonial. Igrejas, sobrados e engenhos construídos nessa época traduzem uma arquitetura imponente e levam a uma viagem no tempo ao século XVI. Até pelo menos as últimas décadas do século XIX, a riqueza da cidade se baseava nas plantações de cana de açúcar, que deram o início ao desenvolvimento econômico na área, e toda essa produção usava, basicamente, mão de obra escravizada.

2 MULHERES MARISQUEIRAS

A habilidade com a pesca e a técnica das marisqueiras também surgiram com os primeiros habitantes da região. A mariscagem atinge uma categoria de pesca artesanal muito peculiar no Brasil, sendo exercida principalmente por mulheres - marisqueiras, que desenvolvem esta atividade tanto para consumo próprio como para venda, garantindo assim o sustento da sua família, visto que a maioria dessas mulheres não têm outra renda para o complemento das suas despesas, e se tem, geralmente é o Bolsa Família, programa do Governo Federal.

No Brasil, a pesca artesanal representa uma importante modalidade de trabalho, mas os estudos da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) revelam dados ocultos da pesca artesanal no país. No mundo, existem cerca de 110 milhões de trabalhadores ligados à pesca artesanal em pequena escala. Já no Brasil, ao menos 1 milhão de pessoas estão envolvidas de uma forma direta à pesca artesanal, e estima-se que sejam responsáveis por pelo menos 60% da produção de pescados no país.

Muitos pescadores e marisqueiras trabalham por conta própria, fornecendo geralmente os mariscos em suas moradias ou comunidades para consumo da população. Este tipo de atividade funciona como um motor social e econômico, proporcionando assim segurança alimentar, renda principal ou secundária.

A mariscagem é introduzida na pesca artesanal, que – segundo Oliveira (1993) – é “[...] uma atividade na qual a dinâmica ambiental influencia diretamente o volume da reprodução social, a periodicidade dos trabalhos domésticos, ou seja, toda a vida comunitária que depende desta atividade de subsistência principal” (OLIVEIRA, 1993, p. 83).

Também podemos complementar essa definição com que diz Diegues (2004) sobre os significados da profissão da pesca:

[...] o cerne da própria pesca artesanal: o domínio do saber-fazer e do conhecer que forma o cerne da “profissão”. Esta é entendida como o domínio de um conjunto de conhecimentos e técnicas que permitem ao pescador se reproduzir enquanto tal. Esse controle da arte da pesca se aprende com “os mais velhos” e com a experiência (DIEGUES, 2004, p. 87).

As marisqueiras passaram a encontrar no mar e no mangue as condições necessárias para a sobrevivência de sua família, praticando a pesca artesanal enquanto profissão. Além disso, as profissionais entrevistadas para este trabalho – Creuza Maria, Elizabete dos Santos, Jucineide da Conceição, Madalena de Jesus, Maria Julia, Maria José, Marinalva Santana, Marlene da Cruz, Nilza Maria e Tatiana dos Santos – deixam explícitos, em suas falas, a importância da preservação da cultura e do respeito pela maré. Desse modo, as lendas e os mitos, presentes na memória dessas mulheres, também são importantes para a construção das práticas que vivem hoje.

Essas mulheres carregam consigo saberes de seus antepassados, os quais são perpetuados pela tradição. Segundo Cunha (2003): “os pescadores possuem um conhecimento sobre os ecossistemas dos quais eles fazem parte e sobre a vasta diversidade das espécies que habitam nesses espaços, formando um patrimônio que o modernismo não pode desprezar para a conservação da vida no planeta”.

Dependendo do tipo da atividade a ser exercida (pesca ou mariscagem), exigem técnicas e utensílios próprios, como as embarcações. Na pesca artesanal, por exemplo, que se restringe ao setor costeiro e estuarino, e por isso mesmo não precisa necessariamente de muitas tecnologias, são utilizadas pequenas embarcações como as canoas de remo ou vela. Nesse caso, a maior parte das trabalhadoras desenvolvem essas atividades para sua própria família, seguindo a tradição familiar, deixando o “negócio” e os lucros em família.

Abordar essas mulheres negras, sobretudo as que trabalham na maré, é de extrema importância, não apenas pelo fato de evidenciar o conhecimento de cada uma delas adquirido ao longo do tempo, mas também compreender a relação entre elas. A pandemia chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, atingindo de modo geral a vida dos brasileiros, em diversos fatores, dentre eles o trabalho. Para as marisqueiras, o trabalho não é apenas uma forma de independência financeira, mas também sinônimo de estabilidade, de autonomia e liberdade.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de dar maior destaque às vivências diárias, produzidas por essas mulheres pescadoras e marisqueiras de São Francisco do Conde. É muito importante falar sobre a inserção dessas mulheres no ramo da pesca, já que, muitas vezes elas são invisibilizadas e não têm o devido reconhecimento. A escolha das comunidades de São Bento das Lajes, Campinas, Nova São Francisco e Dorna, principalmente, se deu, sobretudo, em função da pesquisadora ser moradora de uma dessas localidades, filha de trabalhadores rurais, vinda de uma família de pescadores(as) e marisqueiras, que mariscava para o consumo próprio.

Em minha família, mariscavam, para sustento próprio, meus pais, meus tios, irmãos da minha mãe e a minha avó materna. Fazíamos isso quase toda a semana e, como era de costume, dividimos sempre com os vizinhos, onde morávamos, no bairro conhecido como Abrigo dos Velhos, onde hoje está localizada a Escola CEJAL, próximo ao Cemitério e a Capela da Paz Celestial. Eu não praticava o ofício, por ser uma criança e poderia me machucar. Ao mesmo tempo em que achava “pavoroso”, também gostava da ventania, das ondas quando a maré estava enchendo, do banho na beira da maré, enquanto ela enchia. E de esperar o momento de voltar para casa, quando estivesse voltando a esvaziar, no fim de tarde.

O isolamento social não se restringiu apenas ao grupo de marisqueiras e pescadoras da região, deste modo boa parte dos pontos de vendas/comercialização e até mesmo os próprios consumidores estão isolados, de “portas fechadas”. Sendo assim, a maioria das marisqueiras, principalmente aquelas que tinham os seus pontos no mercado, próximo à rodoviária de São Francisco do Conde, encontram-se em dificuldades para a venda de seus mariscos.

Durante esta pesquisa, foram entrevistadas marisqueiras e pescadoras de idade diferentes, tempos de trabalho variados e experiências distintas. A investigação ocorreu nos limites do Município de São Francisco do Conde-BA, as entrevistas foram aplicadas no segundo semestre do ano de 2020 e até o primeiro trimestre de 2021. Também por conta do distanciamento social ocasionado pela pandemia, esses encontros foram realizados online (por ligação ou através do aplicativo de mensagens - WhatsApp). Ao total, foram dez entrevistadas. Todas marisqueiras, chefes de família, e com todas tenho uma relação de respeito e amizade.

Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participam de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (Verena Alberti, pag. 155).

Este estudo foi desenvolvido com mulheres marisqueiras que habitam as comunidades pesqueiras de São Francisco do Conde. Baseada na realização de um questionário semi-estruturado (apêndice 1) com perguntas acerca de dados econômicos, ambientais, de comercialização e de saúde física e mental, junto às mulheres pescadoras e marisqueiras legalmente cadastradas na Colônia de Pescadores Z-05 de São Francisco do Conde. Saliento que as falas e todos os depoimentos, e suas respectivas identificações foram autorizadas. O levantamento de dados foi realizado durante o segundo semestre do ano de 2020. "A entrevista oral deve ser compreendida também como documento de cunho bibliográfico, do mesmo jeito e memória, autobiografia, diários e outros documentos pessoais". (Verena Alberto, pág 169).

Após o primeiro contato, foi feita apenas uma visita na residência de cada uma delas para agendamentos das entrevistas por telefone (ligação ou WhatsApp), por conta do Coronavírus que assola toda a região. Além dos dados coletados a partir das entrevistas, foram utilizadas também outras fontes secundárias, como pesquisa bibliográfica, consultas de dados em instituições e sites públicos, como o Instituto Geográfico Brasileiro (IBGE) e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Foi utilizada a entrevista, que é definida por GIL (2010, p. 109), como “uma ferramenta de interação social”. Deste modo, as entrevistas expõem, com mais segurança e maior liberdade, seus pontos de vista sobre determinado assunto. Sendo assim, as entrevistas foram divididas em duas seções: primeiramente, perguntas direcionadas sobre o perfil do entrevistado e, com ele, o levantamento de dados socioeconômicos; segundo, com perguntas referentes aos interesses e questionamentos da pesquisadora com relação ao tema proposto, focando na problemática situação das marisqueiras, que já apresentavam dificuldades em São Francisco do Conde muito antes desse surto que estamos vivendo hoje.

Embora a mariscagem pareça uma atividade simples, não é exatamente assim. Com várias modalidades, é uma ocupação gerada pela educação informal, passadas de pais e mães para filhos e filhas e assim sucessivamente, mediante o uso de práticas e da oralidade. A falta de letramento não interfere e nunca interferiu no conhecimento. Pesca artesanal e a mariscagem executada pelas mulheres são atividades importantes para o consumo da população brasileira.

Ressalto que também usar o termo “pescadoras” neste trabalho é uma referência a essas mulheres que trabalham na maré, pelo fato de que elas exercem também a atividade da pesca,

além da mariscagem. Vale lembrar que a pesca vai desde os primeiros preparativos, como a organização dos utensílios que serão utilizados, até a limpeza, consumo ou venda do pescado.

O objetivo desta pesquisa, portanto é, analisar os desafios das marisqueiras no ano de 2020, após chegada da pandemia da Covid-19, cuja finalidade não foi apenas apresentar relatório ou a descrição de um fato, mas apresentar da melhor forma, com clareza e objetividade todo o processo explícito aqui. Portanto, na minha visão, esta pesquisa é importante para a comunidade, pois a maior parte das famílias residentes do Município tem a mariscagem como a principal fonte de renda.

Este escrito é dedicado à realidade feminina, das mulheres pescadoras e marisqueiras, que são impactadas de maneira e intensidade diferentes, se comparado aos homens.

3 MARISCAR EM TEMPOS DE COVID

O novo Coronavírus, ou Covid-19, foi a princípio identificado em Wuhan, China (dezembro de 2019). Foi descrito como uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requerem atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais cerca de 5% podem ainda necessitar de suporte ventilatório.

Covid-19 é o nome da doença que ele causa, que significa doença do coronavírus em 2019. “Corona” vem de “coroa”, o nome remete às espículas do vírus, que lembram coroas e se espalham através de gotículas de espirros, tosses ou falas, podem entrar diretamente pelos olhos, nariz e boca, sendo capazes de sobreviver por horas em superfícies. Assim, as pessoas podem se contaminar a partir das mãos e se infectar tocando no próprio rosto.

Os problemas enfrentados pelas trabalhadoras percorrem uma realidade, que, inevitavelmente, exige forte presença do Estado, tanto na economia, quanto na execução de medidas possíveis ao universo pesqueiro de pequena escala. Além dos danos econômicos e sociais, há uma preocupação em relação à saúde mental (psicológica) das marisqueiras.

Tornou-se uma batalha garantir a sobrevivência neste período de pandemia da Covid-19, já que as vendas dos mariscos e pescados diminuíram consideravelmente. Visando restabelecer a situação, a Prefeitura de São Francisco do Conde, através da Secretaria Municipal

de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca (SEMAP), fez a realização, em 7 de julho de 2020, do pagamento da 1º parcela do Defeso Inverso Municipal, beneficiando 305 (trezentos e cinco) pescadores e marisqueiras, com um valor correspondente a um salário mínimo, totalizando 318.723,00 (trezentos e dezoito mil, setecentos e vinte e tres reais)³.

Esse defeso é pago aos pescadores e marisqueiras, conforme a Lei Municipal nº 388/2015, que dispõe sobre a concessão ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal, durante o período de defeso. Auxílio Defeso é do Governo Federal, quando pescadores e marisqueiras tiram a carteira, se estão em dia com a entidade, colônia ou associação, então é feito um registro pelo Ministério da Pesca (MDP), tendo o direito a esse benefício durante quatro vezes ao ano (período em que é proibido a pesca e mariscagem).

O defeso é a paralisação das atividades de pesca que constitui uma política estratégica de caráter ambiental, visando proteger as espécies durante o período de reprodução, garantir a manutenção de forma sustentável dos estoques pesqueiros e, conseqüentemente, manter a atividade e as rendas dos pescadores. Assim, todo pescador profissional que exerce suas atividades de forma individual ou em regime de economia familiar fica impedido de pescar e mariscar durante a época de reprodução.

Madalena de Jesus, 52 anos, afirma que nem todas as marisqueiras “verdadeiras” recebem ou estão cadastradas na Colônia de Pescadores Z-5 do município, por este motivo, as profissionais que não estão devidamente cadastradas na Colônia de Pescadores não usufruem dos seus devidos direitos. Quando ela fala em marisqueiras “verdadeiras”, está se referindo às que, de fato, trabalham com esse ofício, ou seja, há muitas pessoas cadastradas que nem sequer sabem como usar um instrumento utilizado no trabalho manual⁴.

Agora existe um benefício na cidade chamado de Defeso Inverno, que é dado pela Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, e tem as mesmas funções do Auxílio Defeso do Governo Federal. A diferença é que este Defeso Inverno Municipal compreende os meses de Junho, Julho e Agosto. A exigência é única: quem recebe o Auxílio do Governo, não recebe o Defeso da Prefeitura Municipal.

Segundo Maria José de Jesus, 63 anos, “os pescadores e marisqueiras ainda não se recuperaram do derramamento de óleo de 2019, ainda vem esta pandemia, para terminar de destruir a vida de muita gente, mal saímos de uma crise e já estamos enfrentando outra, com tudo isso, ainda temos a dificuldade de vender os pescados”. Este derramamento aconteceu em

³ <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br>

⁴ Entrevista realizada na residência de Dona Madalena, em São Bento das Lajes.

agosto de 2019, onde manchas de óleo atingiram o Nordeste e dois estados do Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro), contaminando praias e rios que banham as regiões.

São notórias as mudanças no ambiente de trabalho (maré e manguezal), como o desaparecimento dos mariscos. São Francisco do Conde e Santo Amaro são considerados os maiores berçários de criatórios de peixes do Estado da Bahia, por terem muito manguezal. Um ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, característicos de regiões tropicais e subtropicais e sujeito ao regime das marés. Ocorre em regiões costeiras abrigadas como estuários, baías e lagunas, e apresenta condições tropicais para a alimentação, proteção e reprodução para muitas espécies de animais, sendo considerado importante transformador de nutrientes em matéria orgânica e gerador de bens e serviços. (Schaeffer-Novelli, 1995).

Também ficam nítidos os problemas encontrados pelas marisqueiras, isto porque o problema de uma é o mesmo das outras, com pequenas diferenças. Muitas marisqueiras saiam de sua cidade para comercializar nas cidades vizinhas (Candeias e Santo Amaro, principalmente), antes da pandemia. É possível encontrar algumas marisqueiras que não estão satisfeitas com a sua profissão, a exemplo de Jucineide Salles, 48 anos, que diz: “frequentemente o manguezal por necessidade, para manter o sustento da minha família”. Outro exemplo é Miralva Santana, de 48 anos, que afirma “se eu fosse ter uma segunda profissão seria professora de matemática, duas coisas que eu amo, matemática e inglês, mas não estudei por falta de oportunidade, mas hoje não penso mais nisso, já tenho quase 50 anos”.

Dona Nilza, 70 anos, marisca desde criança, e ainda hoje, por diversão junto com seus filhos. Relata que só mariscava e pescava por paixão e não por dificuldade, já que sua profissão sempre foi trabalhadora rural. Em suas palavras:

Marisco há muitos anos, não por sustento, mas por gostar mesmo de tá naquele lugar. Até outro dia eu ia, sabe? Mas parei mesmo depois dessa doença. Imagine aí, minha filha? Eu sempre tive problema nos ossos, mas, no ano passado, depois de ficar presa em casa, sem poder sair, só saía se fosse pro médico, fiquei estressada. Aí veio a diabete, tomava insulina, mas não tomo mais, só peguei essa doença por estresse.

Dona Nilza tem uma opinião formada a respeito da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde.

Eu não sou estudada, não sei ler e nem assinar meu nome, não entendo nada dessas coisas, mas eu sei que a cidade daqui é rica, eu assisto jornal. Aquele Programa *Se Liga Bocão*, e eu já vi ele falando daqui várias vezes, o que eu posso te dizer é que as pessoas não têm condições. Eu vivo da minha aposentadoria, pra mim e pra minha filha que é deficiente mental. Agora o prefeito e os vereadores não ligam pra ninguém,

as pessoas que vivem na maré, no mangue pra conseguirem seu pão de cada dia, passaram fome sem conseguir sair pra vender tudo que pega, não todos sabe filha? Porque tem muita gente que já tem seus fregueses e vendem em casa.

Jucineide, 48 anos, também diz que teve muitas dificuldades por ter ficado isolada no seu lar, sem poder sair para mariscar por conta da pandemia, e que não viu nenhuma providência da prefeitura a favor das marisqueiras. E acrescenta: “eu gostaria que o poder público se interessasse mais, desse mais apoio às marisqueiras para que tivéssemos uma vida melhor”.

O fato de as marisqueiras não conseguirem comercializar como antes tem também afetado a cadeia alimentar, isto porque as marisqueiras utilizam a venda dos seus pescados para comprar outros alimentos.

Por outro lado, não podemos esquecer também da saúde física e mental em tempos de Covid-19. O ano de 2020 foi desafiador tanto para os profissionais de saúde, quanto para a população de São Francisco, que se viram diante de um vírus mundial e enfrentando a maior pandemia do século, quando o mundo inteiro parou e o isolamento social foi definido como a melhor medida de segurança, visando manter a saúde de todos. Em janeiro, a Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, por meio da Secretaria de Saúde (SESAU), promoveu atividades alusivas ao janeiro branco, mês de promoção à saúde mental, envolvendo todas as Unidades de Saúde da Família e demais setores da rede municipal, como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Visando melhorar a saúde física, a gestão municipal inovou as ações com o Serviço de Fisioterapia por telemonitoramento e por videochamadas, para que estes pudessem realizar exercícios físicos em casa, além disso, a Secretaria Municipal da Saúde (SESAU), através da Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT), e em parceria com o Centro de Atenção Psicossocial, passou a ofertar atendimento psicológico gratuito e por telefone, tudo para ajudar e melhorar a saúde física e mental da população.

Durante as conversas com as marisqueiras, percebemos algumas sensações de “pânico” e estresse, o que também se verificou na saúde da sociedade de uma forma mais geral. Alguns estudos e reportagens já apontam o impacto psicológico, ansiedade ou até mesmo depressão em decorrência da pandemia e do isolamento social. Também aumentou nesse período o consumo de álcool e outras drogas, o que pode agravar ainda mais algumas situações de risco. Para as marisqueiras que foram diagnosticadas com COVID-1, a situação gerou intensas reações emocionais e comportamentais ainda maiores, como angústia, medo, solidão, tédio, raiva ou insônia.

Um estudo realizado em 29 de setembro de 2021, pelo Ministério de Saúde, reuniu informações sobre a saúde mental dos brasileiros durante a pandemia, revelou que a ansiedade é o transtorno mais presente durante este período. Os dados foram obtidos a partir de um questionário online disponíveis entre 23 de abril a 15 de maio, a pesquisa revelou uma elevação de ansiedade (86,5%), presença de transtornos de estresse pós-traumáticos (45,5%) e uma baixa proporção de depressão (16%) em sua forma mais grave, ao todo foram 25.118 acessos.⁵

Tatiana dos Santos, 42 anos, desabafa e observa-se na sua expressão a tristeza em que vive hoje, por vários fatores, dentre eles, a saúde e o trabalho:

É muito difícil falar como a minha vida foi afetada, perde meu marido, não por conta da Covid, mas no tempo em que ela estava presente, fiquei estressada e não conseguia trabalhar direito, mesmo que pouco, por conta do isolamento que teve aqui, sabe quando você sente que não tem mais nada que possa fazer? É desse jeito que me sentia as vezes ainda me sinto, nem saindo de casa mais eu estava, parei de mariscar por uns meses, hoje vou lá uma vez ou outra coma minha vizinha, gosto muito, vivia praticamente disso, hoje estou mais vivendo da pensão que recebo, mas está difícil, tem dias que eu durmo sem saber se vou acordar no dia seguinte, às vezes nem durmo, minha cabeça dói, parece que vou morrer.

É nítido no semblante de Dona Tatiane, em cada palavra triste que a consome, mas olhando no fundo dos teus olhos, conseguimos enxergar esperança, com base na fé.

Marlene da Cruz, 46 anos, traz fatos de antes da pandemia, até os dias atuais:

A minha jovem, antes disso tudo, além de mariscar, vendia meus lanches na rua, nunca gostei de ficar parada, depois que essa pandemia chegou tive problemas e econômicos, afetou a minha família e muito, só de ver nos noticiários, que os casos estavam aumentando a cada dia, cada dia mais gente morrendo, eu ficava era nervosa, tensa, mau humorada, até com distúrbio do sono eu fui diagnosticada, precisando de remédios para dormir, agora estou me adaptando melhor a tudo isso, aprendendo a conviver dos desafios que ela (pandemia) nos trouxe, mas Deus está conosco e ele não falha. Estou voltando a mariscar aos poucos, estou pensando até em abrir uma mercearia, o problema é que os alimentos estão cada vez mais caros, está cada dia mais difícil sobreviver nesse mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia impactou fortemente a rotina das pessoas, principalmente para aqueles que trabalham para si, os chamados autônomos. Este problema chegou em um momento turbulento, em que pescadores e marisqueiras estavam se recuperando das consequências econômicas, em decorrência das manchas de óleo. Diante das circunstâncias, os desafios que estão presentes

⁵ Questionario Online= http://formsus.datasus.gov.br/site/formulario.php?id_aplicacao=55458

para a garantia da estabilidade do cenário econômico são muitos, começando com as medidas econômicas a serem adotadas pelos governantes. Segundo a FAO, o Brasil não possui estatísticas pesqueiras oficiais desde 2008, situação que colabora para o agravamento da vulnerabilidade dos pescadores artesanais.

O efeito do isolamento social, mesmo que parcial no município, situações em que o medo está presente, eventualmente, podem causar ansiedade, com diferentes níveis de intensidade, um grande mal-estar aos indivíduos, pontuando ainda mais os desafios postos pela pandemia. A ameaça é real, diante dela as reações podem ser as mais variadas, com a gravidade da situação. Os efeitos da pandemia atingem de forma direta e indireta a saúde mental em diferentes aspectos, muito mais do que física, o que implica numa condição ainda mais preocupante para a saúde pública. Mesmo com a vacinação e os casos diminuindo, é preciso pensar, planejar e principalmente implementar mais suporte à saúde mental.

É importante que as pessoas tentem estabelecer uma rotina, ter um momento de reflexão, dar uma pausa ao assistir noticiários que possam causar mais angústia e desconforto, praticar uma atividade física, procurar sempre fortalecer os vínculos mesmo que distante, com todas as pessoas que habilitem um bem-estar coletivo.

A mudança severa na rotina que esta pandemia causou na vida dos brasileiros, em especial dessas trabalhadoras, referidas neste escrito, trouxe consigo, problemas referentes a saúde mental de cada uma delas, todas relataram sintomas como crise de ansiedade e estresse agudo, das dez entrevistadas, seis passaram por diagnóstico médico e posteriormente por acompanhamento psicológico em uma das Unidades de Saúde do Município.

Esses problemas que as marisqueiras vêm enfrentando, estão ligados em três eixos: condição social, tempo e espaço.

Limites entre trabalho e vida pessoal, serviços e trabalhos domésticos, desigualdades sociais, condição de trabalho remoto, se englobam nesses três eixos. A carga emocional, diante da realidade vivida hoje, se torna preocupante, no momento em que ouvimos relatos seguidos de lágrimas, por perda de sono, fome, dores e sofrimentos. Precisamos tratar e pensar a saúde mental como problema de saúde pública.

Algumas delas ainda seguem sua rotina com algumas diferenças, outras como é o caso de Tatiane, parou de mariscar, entendo que estamos passando por uma turbulência sem dia e horário para acabar, vivemos no novo normal, tendo que se acostumar e conviver com os desafios posto pela pandemia como diz, Dona Marlene.

Todas passaram ou estão passando por acompanhamentos tanto residencial, como em alguma Unidade de Saúde Familiar, algumas adquiriram fraqueza e quedas de cabelo por conta do estresse, a exemplo de Dona Elizabete.

A pandemia mostrou o nível de eficácia e sua capacidade de dar respostas em tempo recorde. Desde então, vimos os avanços que vão acontecendo e tecendo um cenário de atenção a toda a população, SUS é o maior e mais complexo sistema de saúde pública do mundo e é nele que essas mulheres, e toda a população ver refúgio, necessitando sempre de ajuda e cada vez mais atenção, para isso, os órgãos governamentais tem sempre que essr atentos a todas e quaisquer nova situação.

Referências

ALBERTI, Verena. **Fontes orais Histórias dentro da História**. In: Fontes históricas. Editora Contexto, São Paulo, Brasil, 2008.

Creuza Maria da Conceição dos Santos, 61 anos, pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

CUNHA, L.H.O. **Saberes patrimoniais pesqueiros Desenvolvimento e meio ambiente**, 7: 69-76, 3003.

DATASUS. **Departamento de Informações do SUS**. Disponível em http://formsus.datasus.gov.br/site/formulario.php?id_aplicacao=55458 acesso em junho de 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 5] ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub/Usp,2004.

Elizabete dos Santos, 42 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

Jucineide Menezes de Salles da Conceição, 48 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

Madalena de Jesus, 52 anos, pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

Maria José de Jesus, 63 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

Maria Julia Pereira dos Santos, 67 anos, pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis

Marlene dos Santos da Cruz, 46 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância Sanitária. (2020). Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19.

Miralva Santana, 48 anos, pescadora e marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

Nilza Maria da Conceição dos Santos, 70 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.

OLIVEIRA, Neuza Maria. **Rainha das águas e dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no ambiente marinho.** Rev. Brasil, Estudos Pop, Campinas, 10 (½) 1993.

Prefeitura de São Francisco do Conde. Disponível em>

<https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/> acesso em 16 de fevereiro de 2021

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar.** Caribbean Ecological Research. São Paulo, Brasil, 1995

Tatiana das Mercês dos Santos, 42 anos, marisqueira. Entrevista cedida a Viviane da Paz de Jesus Reis.